

**FACUDADE PATOS DE MINAS
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

MARIANA BATISTA SOARES

**INCLUSÃO DOS SURDOS NAS ESCOLAS
REGULARES DO BRASIL: UMA ABORDAGEM
EDUCACIONAL**

**PATOS DE MINAS
2015**

MARIANA BATISTA SOARES

**A INCLUSÃO DOS SURDOS NAS ESCOLAS
REGULARES DO BRASIL: uma abordagem
educacional**

Trabalho apresentado à Faculdade Patos de Minas, como requisito parcial para a conclusão do curso de licenciatura em Matemática.

Orientadora: Prof. Esp. Tatiana Alves Silva

**PATOS DE MINAS
2015**

A INCLUSÃO DOS SURDOS NAS ESCOLAS REGULARES DO BRASIL: UMA ABORDAGEM EDUCACIONAL

Mariana Batista Soares*

Tatiana Alves Silva**

RESUMO

Durante anos os surdos têm sido desprezados, ignorados e forçados ter o oralismo como única forma de se comunicar e desenvolver. A inclusão é uma forma de corrigir a injustiça cometida contra essa cultura. Este artigo objetivou pesquisar sobre a importância da inclusão dos surdos nas escolas regulares do Brasil, assim avaliando a valorização e o conceito a respeito das libras no contexto dos surdos, a importância da aquisição da língua de sinais para o desenvolvimento dessas crianças nas escolas bem como no crescimento deles como pessoas, apontar a necessidade das famílias aceitarem, acolherem e protegerem seus filhos com amor incondicional para formação dos mesmos por perceber que a valorização da cultura surda é de grande importância para o desenvolvimento desses alunos e que infelizmente não é abordado como se deve nas escolas. Acredita-se que este estudo possa contribuir com dados e levantamentos sobre o tema. Sendo assim, este artigo abordou textos e pesquisas de forma qualitativas onde foi feito um levantamento exploratório a respeito do tema: à inclusão e educação dos surdos nas escolas regulares do Brasil. É importante a aquisição da língua de sinais (LI) e o papel primordial das famílias para o desenvolvimento dos mesmos.

Palavras-chave: Inclusão. Surdo. Libras. Família.

ABSTRACT

For years the deaf have been despised, ignored and forced to have oralism as the only way to communicate and develop. The inclusion is a way to correct the injustice done against to this culture. This article aimed to research about the importance of

*Graduanda em Licenciatura em Matemática pela Faculdade Patos de Minas (FPM) marianamatematicafpm@gmail.com

**Tatiana Alves Silva. Graduada em Educação física pelo Centro Universitário de Patos de Minas UNIPAM. Pós Graduada em Educação Inclusiva e surdez. tatinaeduca2@yahoo.com.br

the inclusion of the deaf in the regular schools in Brazil by evaluating the valorization and the concept about the sign language context, to analyze how important the acquisition of sign language for the development of such children in schools and in their growth as people, to point out the need for the families accept, accommodate and protect their children with unconditional love for the formation of theirs, and realize that the appreciation of deaf culture is of great importance for the development of these students and which unfortunately is not addressed as it should be in the schools. It is believed that this study may contribute for data and surveys about the theme. Therefore, this article covered texts and research of qualitative manner. It was made an exploratory survey about the subject inclusion and the education of theirs in regular schools in Brazil. In fact, it is very important the acquisition of sign language (LI) and the family's key role in their development.

Keywords: inclusion, deaf, sign language, family.

1. INTRODUÇÃO

A inclusão dos surdos nas escolas regulares do Brasil é importante para o progresso dos mesmos. Depois de serem desprezados, ignorados e forçados ao oralismo, durante muitos anos como a única forma de comunicar e desenvolver, a inclusão é um forma de corrigir a injustiça cometida contra essa comunidade e de inseri-la na sociedade ouvinte, assim exercendo os direitos que todo indivíduo tem.

A linguagem é fundamental para o crescimento do ser humano. Ao adotar a língua de sinais como sua primeira língua, os surdos terão todas as possibilidades de desenvolver suas habilidades, como qualquer outra pessoa. Quanto mais cedo as crianças surdas tiverem acesso à língua de sinais, mais satisfatório será seu desenvolvimento na sua vida escolar. E quando essas crianças têm ensejo de compartilhar a mesma língua com seus pais e familiares, eles dão a oportunidade de troca de conhecimento, carinho, companheirismo e confiança. Isso contribuirá também para que essas crianças se sintam mais seguras e felizes (QUADROS, 2006).

Por perceber que a valorização da cultura surda é de grande importância para o progresso dos mesmos e que infelizmente não é abordado como se deve na escola, acredita-se que este estudo possa contribuir com dados e levantamentos sobre o tema do qual é parte integrante da sociedade em que os autores participam.

A língua de sinais realmente contribui para o desenvolvimento das crianças surdas; Quais são os benefícios que essas crianças terão de ir pra escola com uma língua consolidada no caso a libras; Qual o papel da família na vida dessas crianças;

Objetivou-se avaliar a importância à valorização e o conceito das libras, analisar qual a importância da aquisição da língua de sinais para o desenvolvimento das crianças surdas nas escolas e no seu crescimento como pessoas e apontar as necessidades das famílias no sentido de aceitarem, acolherem e protegerem seus filhos surdos com amor incondicional para formação dos mesmos.

Sendo assim, este artigo abordou textos e pesquisas de forma qualitativas, onde foi feito um levantamento exploratório a respeito do tema: “A inclusão e educação do surdo nas escolas regular no Brasil.”

Foram adotadas pesquisas bibliográficas, sites de busca, tais como: Google acadêmico, bibliografia virtual, universidades e faculdades. O período das publicações será de 1997 a 2015. As pesquisas foram realizadas entre fevereiro e outubro de 2015 junto com o fichamento.

2. A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS (LIBRAS) PARA CULTURA SURDA

Observa-se que é gritante a situação dos surdos na educação. De um lado estão às escolas especializadas onde apesar de se sentirem em família por estar dentro da sua cultura, o projeto pedagógico não é satisfatório. Já nas escolas regulares, os alunos surdos muitas vezes não são notados pelos professores e colegas, pois os projetos pedagógicos dessas escolas favorecem mais os alunos ouvintes e com isso os mesmos se sentem frustrados e com dificuldades de aprender e de lutar pelos seus sonhos. É visível que apesar de ser alvo de calorosos debates entre os educadores é notório que o preconceito permeia no âmbito escolar. Algo tem que ser feito não pode continuar sendo engrupidos, pois eles são pessoas que merecem uma educação de qualidade, voltada para eles, onde possam contribuir para seu crescimento pessoal e social.

Na visão de Quadros (2006), os surdos brasileiros usam LIBRAS, uma língua visual-especial que apresenta todas as propriedades específicas das comunicações humanas. As línguas expressam as capacidades específicas dos seres humanos para comunicação, culturas, valores e padrões sociais de um definido grupo social. É uma língua utilizada nos espaços criados pelos próprios surdos, como: nas reuniões, nos pontos de encontros espalhados pelas grandes cidades, em seus lares e escolas.

Segundo Dilli (2010), os surdos tiveram como precursor o professor Charles-Michel de l'Épée (educador filantrópico francês, do século XVIII, que ficou conhecido como "Pai dos surdos"), que se tornou o professor mais importante para o progresso da Língua de Sinais Brasileira. Foi ele quem enviou da França para o Brasil o professor surdo e Padre Eduard Huet que trouxe o método combinado, a pedido de D. Pedro II onde este método possibilitou desenvolver as possibilidades dos surdos visando à inclusão dos mesmos na sociedade. Tendo como origem a comunicação, sendo esta uma atividade desenvolvida no âmbito das relações sociais e de grande importância na formação da identidade pessoal e social das pessoas, bem como de sua autoestima e consciência de responsabilidade, percebe-se a necessidade de constituir uma linguagem para os surdos, para que eles possam ser inclusos nas comunidades majoritárias.

Para Goldfeld (2002), o oralismo pode amenizar a surdez por perceber como uma deficiência que deve diminuir pela estimulação auditiva, pois o oralismo é a única forma o surdo desenvolver a linguagem. Oralizar faz com que a criança surda se comunique melhor. Essas estimulações proporcionam a habilidade na aprendizagem da língua portuguesa inserindo essas crianças na sociedade majoritária desenvolvendo uma personalidade como de ouvintes, ou seja, deseja-se com o oralismo a recuperação das crianças surdas em direção à normalidade e não a surdez. Portanto o oralismo ou filosofia oralista visa à inclusão das crianças com deficiência auditiva na comunidade ouvinte, dando-lhes condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o português). A noção de linguagem, para vários profissionais dessa filosofia, restringe-se a língua oral.

De acordo com Wrigley's (1996), "o oralismo tanto é uma ideologia quanto um método." No Brasil e no mundo ainda existe impacto da influência educacional oralista. São abordagens que enfatizam a fala e a amplificação da audição e rejeitam radicalmente qualquer uso da língua de sinais.

Para Goldfeld (2002), o oralismo é a única forma desejável de comunicação das comunidades surdas, se eles dedicarem ao ensino desta língua, as crianças surdas rejeitarão qualquer forma de gestualização, bem como a língua de sinais. Para alcançar seus objetivos, a filosofia oralista utiliza diversas metodologias de oralização: verbo-tonal, áudio fonatória, aural, acupédico etc. Essas metodologias se baseiam em pressupostos teóricos diferentes.

De acordo com Felix (2008, p. 17):

O oralismo perdurou como a filosofia educacional para ensino de surdos por mais de um século e prega que os mesmos devem adquirir a língua oral, devendo ser terminantemente proibido o uso de sinais no processo. Tal postura foi fortemente criticada por pesquisadores e estudiosos da época, para esses autores, a língua oral não pode ser adquirida por este tipo de aprendizagem pelo processo de aquisição de língua materna, pois, devido à ausência de audição, pode-se considerar que eles não foram expostos a uma primeira língua. Esse aprendiz, além de ficar privado nessas condições de não adquirir a língua materna, também não tem acesso aos processos de desenvolvimento da linguagem de forma natural (FELIX, 2008, p.17).

Segundo Quadros (1997), para garantir que crianças surdas adquiram suas teorias de mundo é importante o convívio surdo/mudo, pois as crianças surdas que convive com adultos ouvintes não tem oportunidades de questionarem as coisas, porque não obtém respostas, com isso são prejudicadas. Quanto mais experiências de vida forem comentadas e elaboradas obterão mais conhecimento e isso contribuirá para sua concepção de mundo. As escolas deverão trabalhar com tais crianças nesse sentido e assim, desenvolver suas habilidades, obviamente na língua de sinais para construir a sua teoria de mundo.

Para Rijo (2009), é importante para esses alunos a presença de um intérprete de libras, para mediar a comunicação em sala de aula, já que não é possível incluir tais alunos em uma sala de aula regular, apenas com a presença do intérprete. Para que tenha uma inclusão satisfatória, deve-se criar um ambiente favorável, no qual, eles possam ampliar suas habilidades. Neste sentido, é preciso que o sistema de educacional forneça para as escolas os recursos necessários a este processo. Devido muitas escolas não ter acesso destes recursos os alunos são integrados nessas escolas, porém, não são incluídos.

Acredita-se que, para garantir o desenvolvimento cognitivo e o crescimento dos alunos surdos, é necessário que os mesmos dominem a língua de sinais

(LIBRAS) do qual será possível através do convívio dessas crianças com adultos surdos. É fundamental que tenham base para que possam se desenvolver. Isso dará oportunidade de questionar e obter resposta que possa contribuir para seu desenvolvimento.

A partir do momento que a criança surda tem com quem compartilhar suas experiências e dúvidas, isso possibilitará mais conhecimento e visão do que acontece no cotidiano. A escola deve trabalhar e oferecer a eles os mesmos conteúdos escolares que são oferecidos aos alunos ouvintes e de forma global, prepará-los para que possam se tornar pessoas responsáveis e mais valorizadas dentro da sua cultura e respeitadas na comunidade majoritária.

Segundo Lacerda (2006), a inclusão do surdo nas escolas regulares é um tema muito debatido atualmente e que busca refletir sobre formas adequadas de convivência, ampliando os conhecimentos sobre a realidade cultural do outro e sem restrição ou exigência de adaptação às regras do grupo majoritário. Portanto a inclusão não é algo que envolve apenas a surdez, mas se refere a uma reflexão mais ampla da sociedade, buscando formas melhores de se relacionar com sujeitos de outra cultura, que falam outra língua, que professam outra fé religiosa e entre outros. Trata-se de uma discussão sobre os modos de convivência dos grupos humanos nas suas diferenças que não é simples e não mostra ainda bem resolvida, seja na esfera política, religiosa, econômica ou educacional.

Como diz Lacerda (2006), nesse cenário, a educação dos surdos é um tema muito questionado e que gera sempre discussões acaloradas. De um lado estão às questões da diferença linguística, a identidade surda e os modos próprios de relação cultural (apreensão do mundo) que os tais indivíduos tem. Por outro lado, a preocupação com a inclusão desses grupos na comunidade majoritária, respeitando suas diversidades e necessidades, mas atendendo para que não se constitua como uma sociedade a parte discriminada. Esse debate acaba se materializando na defesa, de um lado, as escolas dos surdos e de outro, pela inserção dos mesmos nas escolas regulares.

Sobre a importância do papel do educador na vida escolar do o aluno surdo, Fernandes (2005, p. 40) menciona:

Acredito que muitas mudanças podem ser feitas no cotidiano escolar, principalmente se o professor mudar sua conduta e, ao invés de falar

em nome do outro, e dizer-lhe como deve agir, caminhar ao seu lado, contribuindo para que essa outra possa se sentir seguro o suficiente para se expor. Se o outro, no caso, o aluno, tiver espaço para ser ouvido como outro inteiro, se tiver interlocutores, então, acredita-se que estaremos construindo uma escola diferente. Porto da premissa de que a linguagem se constitui na interação com os outros sujeitos e que, para tanto, não basta ensina-la ao surdo, é necessário inseri-lo em um diálogo, para que, por meio do processo de interação-interlocução, se possa chegar à construção de significados. Quero também deixar claro que não acredito em formulas mágicas, em metodologias universais ou em avanços tecnológicos que funcionam como milagres para a questão educacional. Por outro lado, acredito nas relações, nos vínculos que se estabelecem nas relações humanas que acontecem dentro dos muros escolares. (FERNANDES, 2005, p.40).

3. A IMPORTÂNCIA DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS SURDAS

Observa-se a necessidade da aquisição da língua de sinais no âmbito familiar quando este possui crianças surdas, pois contribuirá na questão do diálogo entre os mesmos, conseqüentemente somando de forma positiva no desenvolvimento pessoal e social e até mesmo emocional dessas crianças. É gratificante para ambos no sentido de: acolhimento, confiança e igualdade. No contexto escolar, com auxílio da interprete sua aprendizagem será muito mais satisfatório, pois quanto mais cedo o surdo adotar libras como sua língua, melhor será seu desenvolvimento e contribuirá para que eles se sintam inserido na sociedade majoritária.

Para Scliar-Cabral (1988), as crianças precisam ter acesso à língua de sinais para garantir seu desenvolvimento da linguagem e conseqüentemente do pensamento. No caso do Brasil a língua portuguesa é necessária para garantir seus direitos diante da sociedade ouvinte. Observa-se que as crianças que não tem contato com a língua nativa no período natural da aquisição da linguagem podem ter danos irreversíveis e irreparáveis à sua organização psicossocial. O mesmo não ocorre com a aquisição da língua portuguesa, que pode ser aprendida mesmo depois de passado os primeiros anos de vida. Então, no caso da comunidade surda, a língua de sinais é essencial.

Para Cesáreo (2005), quando uma criança perde a audição na idade pré-verbal, “além das enormes dificuldades no desenvolvimento da linguagem, também terá problemas de inclusão no mundo dos sons, que é parte essencial no processo evolutivo.”

Segundo Cummins (2003), o desenvolvimento das crianças que vão para a escola com uma língua consolidada é muito mais satisfatório, a probabilidade de desenvolver suas habilidades de leitura e escrita é mais objetiva. Assim, faz-se necessário o acesso das crianças com deficiência auditiva a uma língua nativa com sinalizantes fluentes dessa língua desde seus primeiros anos de vida (no caso do surdo a língua de sinais brasileira). Para melhor desenvolvimento dessas crianças é importante que esses sinalizantes sejam pessoas, que normalmente, não fazem parte seu cotidiano. É necessário que os pais dessas crianças conheçam a comunidade surda e aprenda a sua língua para melhor comunicação entre os mesmos.

Para Quadros (1997) há dificuldade maior das crianças surda, filhos de pais ouvintes em adquirir a língua de sinais em tempo hábil devido eles não compartilhar a mesma língua. O mesmo não acontece com surdos, filhos de pais surdos, pois compartilham a mesma língua, o que proporciona um desenvolvimento e obtenção da língua de forma natural. Pesquisas com crianças com deficiência auditiva, filhos de pais surdos mostram que o método de aprendizagem da língua se dá da mesma forma que o das crianças ouvintes. Enquanto que os surdos, filhos de pais ouvintes têm um enorme defasagem.

Segundo Teles (2012), é necessário que a língua de sinais seja no contexto escolar não só uma língua de instrução, mas uma disciplina a ser ensinada, pois as crianças surdas que adquirir LIBRAS como primeira língua propicia a aquisição da Língua Portuguesa como sua segunda língua, valorizam as diferenças e contribuem para o progresso das funções comunicativas e cognitivas dos mesmos, pois dentro desse panorama há necessidade de observar a seguinte questão: ao contrário dos ouvintes, a maioria das crianças surdas inicia sua vida escolar sem aquisição de uma língua, devido grande parte delas serem filhas de pais ouvintes que normalmente não conhecem ou sabem Língua de Sinais.

De acordo com Luz (2003), é importante entender dois pontos que constituem todos os seres humanos: primeiro que a identidade se constrói na relação com o mundo/outro; e segundo que todo ser humano tem o desejo natural de comunicar-

se. Mas isso só é possível se houver um ambiente estimulante e adequado, que possibilitará chegar a um refinamento linguístico.

Acredita-se que as crianças surdas, precisam ter a chance de desfrutar do encontro e convívio de surdo-mudo, para o desenvolvimento dos mesmos. Como todo indivíduo com deficiência auditiva tem sua história e ao decorrer da vida todos adquirem uma bagagem de conhecimentos e experiências quando as pessoas têm a oportunidade de compartilhar, dialogar e questionar com outro, abre-se um leque no sentido de querer saber mais, e assim despertar o desejo e ao mesmo tempo a confiança em si mesmo de lutar para realização de um sonho.

Segundo Lacerda (2006) devido às dificuldades acarretadas pelas questões de linguagem, observa-se que as crianças surdas encontram-se defasadas no que diz respeito à escolarização, sem o adequado desenvolvimento e com um conhecimento aquém do esperado para sua idade. Disso advém a necessidade de elaboração de propostas educacionais que atendam às necessidades dos sujeitos surdos, favorecendo o desenvolvimento efetivo de suas capacidades.

Observa-se a necessidade de preparar profissionais que estejam verdadeiramente comprometidos com a questão da inclusão social de tais crianças nas escolas regulares do Brasil, pois nesses processos os professores irão estar diretamente interligados com essas crianças contribuindo para o desenvolvimento e habilidades práticas escolares deles. Observa-se que é necessária a aquisição da língua portuguesa como a segunda língua (L2) na cultura surda devido ao português ser a língua oficial do Brasil. Portanto é essencial para a construção e a compreensão do que acontece no dia a dia dos mesmos. E contribuirá de forma positiva para a inclusão da cultura surda na sociedade ouvintes.

Queiros (2014, p. 1), menciona:

A criança ouvinte está constantemente privilegiada com todas as situações que garantem a ela a aquisição de uma língua natural (oral auditiva) que permitirá seu conhecimento de mundo. Já para a criança surda não há garantias quanto à interação em sua língua natural: a Língua de Sinais (exceto os filhos de pais surdos). É necessário que a criança surda adquira a Língua de Sinais como primeira língua para a construção de sua identidade, para depois ser posta em contato com a segunda língua majoritária – Português – visando assim seu pleno desenvolvimento cognitivo e social (QUEIROS, 2014, p.1).

De acordo com Fernandes (2005), os surdos tem razão em assumir uma postura defensiva diante do português, uma vez que aquisição da mesma é uma ameaça a língua de sinais. Diante de uma política de subtração linguística aplicada, o português deveria ser a única língua adquirida pela cultura surda. No entanto, eles negam essa língua por ter representado durante muitos anos uma ameaça ao uso da língua de sinais. Essa realidade implica processos de delimitação, de fronteiras e poderes. Nesse sentido, a língua de sinais é representada como uma opção, como um instrumento utilizado apenas caso o aluno surdo não tenha conseguido acessar a língua (entende-se língua aqui, como a língua portuguesa e, portanto, os sinais como não língua). Nas tessituras das propostas atuais de educação do surdo, encontramos muitos indícios dessa postura em relação à língua de sinais que é vista como secundária. Os surdos politizados já não aceitam mais isso, portanto, implementam um movimento de resistência ainda no sentido de subtração, uma vez que o movimento é de oposição.

4. O PAPEL DA FAMÍLIA NA VIDA DE SEUS FILHOS SURDOS

Segundo Barbosa (2007), devido à perda da audição, os surdos foram considerados no passado como incapazes de raciocinar, de se desenvolver. Mas, com a criação da Lei 10.436 de 24/04/2002, a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais – foi reconhecida como língua e os surdos passaram a ter direito de ter aulas ministradas de forma diferenciada, ou seja, em LIBRAS com apoio da intérprete, pois no mesmo dia foi criada também a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 da intérprete de LIBRAS para a Língua Portuguesa, a fim de proporcionar uma educação mais digna aos surdos. Lembrando que desde ano de 1999 foi criada a Lei nº. 10.383 que Institui o Dia dos Surdos, no Estado de São Paulo que é comemorado anualmente no dia 25 de Setembro preservando e respeitando à sua cultura, conhecida como a “A Cultura da Comunidade Surda”.

Segundo Barbosa (2004), um dos maiores problemas do surdo não é a surdez em si, mas é o preconceito existente na sua própria família. Hoje o nível de aceitação da surdez pelos familiares melhorou muito, pois no passado o surdo era

tratado como estranhos nos próprios lares. Acredita-se que cabe à sociedade promover campanhas educativas e de conscientização através dos meios de comunicação de massa para que as pessoas passem respeitar, valorizar as pessoas especiais e conscientizarem as famílias o quanto é necessário à aquisição da língua de sinais, quando algum membro da mesma possui necessidades a serem adaptadas. Acredita-se que o interesse e motivação pelo uso da língua de sinais vêm por meio da prática no dia-a-dia, conversando com os surdos, se necessário pedindo ajuda da intérprete ou de pessoas que a domine, o que evita o esquecimento do que já foi aprendido e amplia ainda mais o domínio da mesma.

Silva (2015), descreve as reações de choque no primeiro estágio que os pais de criança surda demonstram imediatamente após receber o diagnóstico, pode aparecer algum mecanismo psicológico, como a descrença, negação, raiva, medo, perda e pena em que a mãe ignora a observação da criança que falha ao responder seu chamado, interpreta qualquer movimento da criança como resposta à sua voz ou ao som; ou como a racionalização, na qual os pais creem em alternativas fictícias que substituam a dor realista, buscando explicações para fatos observados, como a criança ouve o que quer ouvir ou justificam o fato da criança não estar falando com a história da família de “falar tarde”. O segundo estágio é o de reconhecimento, em que os pais reconhecem a calamidade da situação e começam a admitir a situação emocional. No entanto, pode aparecer alguma reação, como os pais se sentirem oprimidos e inadequados para a tarefa de criar um filho surdo, ou o sentimento de confusão total, depressão, culpa e a superproteção.

Sobre a comunicação entre pais e filhos, Dilli (2010), menciona:

Tendo em vista que o processo de comunicação é um dos fatores mais importantes no que diz respeito à interação entre os indivíduos, sem dúvida nenhuma a comunicação que se inicia em casa é ainda mais fundamental no que se refere ao relacionamento entre pais e filhos. Por vezes, essa comunicação é fragmentada após a identificação da surdez; ou seja, pais não conseguem se comunicar com seus filhos por não o compreenderem. (DILLI, 2010, p. 31).

Segundo Negrelli (2006), o seio familiar é de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, independente deste ser surdo ou ouvinte, tendo em vista o papel das relações durante os primeiros anos de vida da criança, as mudanças no seu desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e social podem

ter um impacto especial sobre as interações familiares que exigem adaptações constantes por parte dos genitores.

De acordo com Santos (2009), a família aparece como grande responsável pela formação social do ser humano para melhor desenvolvimento da criança surda. É importante uma aliança entre pais e filhos, pois é fundamental a aceitação dessas crianças nas famílias. Assim, as mesmas se sentirão muito mais acolhidas e conseqüentemente mais seguras. Mas, para que isto ocorra faz-se necessário o estabelecimento de uma interação efetiva, o que é favorecido pelo estabelecimento do diagnóstico precoce da surdez conseqüentemente da adoção, o mais cedo possível, de um correto processo de comunicação entre a família e o surdo. Para isso acontecer, é necessário que estes compartilhem um canal de linguagem comum no caso dos surdos à língua de sinais, pois é por meio da comunicação que o ser humano se integra, participa, convive e se socializa na sociedade.

QUEIROS (2014), diz:

A aquisição da linguagem pela criança surda ainda é alvo de grandes debates. Por um lado estão os médicos que enxergam a surdez como uma deficiência e, portanto buscam a normalização, utilizando-se dos recursos disponíveis, seja através do uso de aparelho de amplificação sonora individual (AASI) ou recorrendo às novas tecnologias com o uso do implante coclear. Do outro lado estão os profissionais da área pedagógica que buscam diminuir os estigmas, tratando comumente o surdo como diferente, defendendo o uso da língua de sinais como língua natural do surdo. É importante citar o papel principal da família na busca de uma solução para o problema de comunicação na surdez. Essa solução irá envolver uma série de fatores como: qual método adotar (linguagem oral/língua de sinais), qual abordagem optar (oralismo, bilinguismo, comunicação total), entre outros. Além disso, é importante citar a pressão social exercida sobre os surdos, pois a definição do que é normal ou anormal não envolve apenas questões biológicas, mas principalmente questões sociais (QUEIROS, 2014, p.8).

Percebe-se que são comuns os pais após o diagnóstico da deficiência auditiva de seu filho, expressar sentimento de culpa. Há uma necessidade de saber por que aconteceu com eles, aí vem à acusação de si mesmo, que eles foram os causadores do problema. Esta necessidade de saber de quem é a culpa, o desespero às vezes leva a questionar porque aconteceu isso com os filhos deles. Foi observado ainda que é mais comum às mães se sentir culpada pela deficiência de seus filhos pelo fato da criança ter sido gerada em seu ventre e também por

serem elas as responsáveis pela alimentação, pelo bem estar físico e psicológico de seus filhos. Também tem algumas mães que acreditam que a surdez de seus filhos pode ser um castigo de Deus. E muitas vezes nessa confusão de sentimentos surge o desejo de fuga e negação da realidade.

De acordo com Albuquerque (2009), como conscientizar as famílias que tem crianças com deficiência auditiva para que passem a investir mais cedo na aquisição da língua de sinais? Uma das tentativas seria um acompanhamento por profissionais envolvidos com a educação de tais crianças a essas famílias e também é importante fazer um trabalho de divulgação da cultura e da identidade surda, principalmente com os profissionais da área da saúde para que tenham um maior conhecimento do mundo surdo. É preciso que as famílias tenham um acolhimento especial depois da definição do diagnóstico. Salientar a importância, na hora do diagnóstico apresentar as diversas possibilidades de aquisição de linguagem, dando condições suficientes para que os familiares possam entender o surdo como *diferente*, portador de uma cultura e identidade próprias, e não como *deficiente*. Pois através do conhecimento e da desmistificação de que ser surdo é ser doente, é que poderemos levar os familiares a perderem o imenso medo que lhes causa a palavra “surdez” para que possam interagir normalmente com seus filhos surdo.

“A família é o núcleo social básico; das relações estabelecidas na sociedade. Deste modo, a família constitui o primeiro e o mais importante grupo social de toda pessoa, bem como, o seu quadro de referência.” (DILLI, 2010, p. 30).

Sobre os valores essenciais para formação do ser humano Dilli (2010), menciona ainda:

É na família que o ser humano consegue sobreviver, aprender valores, desenvolver uma cultura, sentimentos de amor, amizade e afeto. Iniciam-se em seu seio os primeiros passos e os primeiros balbucios, resultando, desta forma, o início do processo de interação familiar (DILLI, 2010, p.32).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que é importante a valorização e o respeito das LIBRAS no contexto do surdo, pois a linguagem é fundamental para o desenvolvimento do ser humano com necessidades adaptadas, no caso da pessoa surda a língua de sinais é propícia para o desenvolvimento natural de comunicação. A aquisição dessa língua em tempo hábil pela criança surda é necessária para sua construção de mundo também é fundamental para seu desenvolvimento cognitivo.

As crianças com deficiência auditiva que tem a oportunidade de irem pra escola com a língua de sinais consolidada têm desempenho natural na sua vida escolar.

A família tem um papel importante na vida de seus filhos, pois é responsável pela formação psicológica e social dos mesmos. Assim a família assume um papel de referencia na vida de qualquer individuo, sobretudo do surdo.

6. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M.V.S.C. **O papel da família na aquisição da língua de sinais.** 2009.41p. Monografia (Especialização em Educação Especial: Estudo Surdo)-Faculdade Santa Helena, Recife, 2009.

BARBOSA, M. F.L. **A aquisição da língua brasileira de sinais (LIBRAS) pela família do surdo.** 2004.64p. Monografia (Especialista em Educação Especial)-Universidade Estadual Vale do Acaraú, Fortaleza-Ceará, 2004.

BARBOSA, M.A. **A inclusão do surdo no ensino regular.** 2007.73p. Monografia (Conclusão de curso de pedagogia)-Faculdade de Filosofia e ciências, Universidade Estadual Paulista, Campus Marília, 2007.

Commis,j.Bilingual Chidren's Mother Tongue: **Whyis it importante for educaçatin:** Disponível em: <<http://w.w.w.iteachileam.Com> Commis> Acesso em: set.2015.

CESAREO, G. **Conseqüências da privação auditiva no processo evolutivo.** In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL E X SEMINÁRIO NACIONAL DO INES – “Surdez e Universo Educacional”, 2005, Rio de Janeiro. Anais do Congresso Surdez e Universo Educacional, Rio de Janeiro, INES, 2005. p. 23-28.

DILLI, K.S. **A inclusão do surdo na educação brasileira**. 2010.83p. Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

FERNANDES, E. **Surdos e bilinguismo**. 7 ed. Porto Alegre; mediação,2005.

FELIX, Ademilde. Surdos e ouvintes em uma sala de aula inclusiva: interações sociais, representações e construções de identidades. Disponível em: Acessado em: 20 de set de 2015.

GOLDFELD, M.A **criança surda**. Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 7ed. São Paulo; 2002.

LACERDA, C.B.F. **A inserção da criança surda em classe de crianças ouvintes: focalizando a organização do trabalho pedagógico**. 23,2000. Caxinbu. Disponível em:<www.aanped.org.br>Acesso em 23 de setembro de 2015.

LACERDA. C B F. **A inclusão escolar de alunos suados: o que dizem alunos, professores e interpretes** Cad.Cedes. Campinas. Vol.26, n.69, p.163-184, maio/agos. 2006 sobre esta experiência. Disponível em <<<http://www.cedes.unicamp.br.>>> Acesso em: 19de setembro de 2015.

LUZ, R. D. **Violência Psíquica e Surdez – Os Caminhos de um (des)encontro**. Revista Espaço (Instituto Nacional de Educação de Surdos), Rio de Janeiro, n. 20, p. 03 – 12, Dez. 2003.

NEGRELLI, M.G.D. **Ciências cuidados e saúde**, Maringá, 2006, v.5, n.1, p.98-107, jan./abr.2006.

QUEIROS, L.S. A aquisição da linguagem e a integração social: a LIBRAS como formadora da identidade do surdo. **Sabres da Educação**, São Roque, 2014, volume 5, n 1,1-15.

QUADROS, R.M. **Educação de Surda**. A aquisição da linguagem. Porto Alegre, Artmed, 2006.

QUADROS, R.M. **Educação de Surda**. A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 2007.

QUADROS, R. M. de. **Estudos surdos II**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007. 268 p.

RIJO, M.G.Q. **A inclusão de alunos surdos nas escolas públicas de passo fundo**. 2009.43p. Instituto Federal do Mato Grosso, Cuiabá. MT, 2009.

SILVA, A. B. P; ZANOLLI, M. L; PEREIRA, M. C. C. **Surdez**: relato de mães frente ao diagnostico. 2008. 175 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Estadual de Campinas (unicamp), São Paulo, 2008.

SANTOS, V.L.C. **A opinião de pais ouvintes e filhos surdos sobre a língua de sinais**. 2009.122p. Monografia (Educação Especial)-Faculdade Santa Helena, Recife, 2009.

SCLIAR-CABRAL, L. **Semelhanças e diferenças entre a aquisição das primeiras línguas e a aquisição sistemática de segundas línguas**. In: Tópicos de Lingüística Aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. H. Bohn & P. Vandresen (Org.). Florianópolis: Editora da UFSC. Série Didática. 1988. p. 40-49. S

TELES M.M. **Política de inclusão para alunos surdos**: Uma ação de política afirmativa da UFS. 2012.10p. VI. Colóquio Internacional, São Cristóvão- SE, 2012.

WRIGLEY, O. **The politics of Deafness**. Washington: Gallaudet University Press. 1996. Disponível em :<<<http://gupress.gallaudet.edu/2895.html>>>>. Acesso em: 17 de Agosto de 2015.

7. AGRADECIMENTOS

Agradecer é expressar gestos de gratidão àqueles que de alguma forma nos ajudaram na caminhada e na realização de um sonho.

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por estar sempre ao meu lado e de minha família nos protegendo com sua infinita misericórdia.

Agradeço a Deus pelos ensinamentos dos meus queridos e amados pais Maria Jose e Manoel Sebastião, que embora já foram morar com o papai do céu, sempre vão ser a minha referência de vida. E também meu marido José Geraldo por meio às dificuldades não mediu esforços para me apoiar e incentivar no meu propósito. A minha filha Héliida Karine e meu genro Diego que sempre me apoiaram e me ajudaram no que precisei, para que eu conquistasse essa etapa da minha vida. A minha querida e amada netinha Ana Victória pelo seu carinho. Te amo!

Agradeço Rafael Bruno e Isadora Maria (meus dois pequenos), muito obrigada por fazer parte da minha vida. Sempre que eu estava saindo pra faculdade os dois corriam, me abraçavam, davam beijinho e diziam: “Mamãe, vai com Deus, nós te amamos.” Isso pra mim era muito importante no sentido de incentivar a lutar para proporcionar uma vida melhor para eles e se Deus quiser vou conseguir. Aos meus queridos irmãos, que sempre me apoiaram muito obrigado.

Agradeço também minha orientadora, Tatiane Alves Silva, pela sua paciência de me ouvir e principalmente pelos ensinamentos e incentivos que tornaram possível a conclusão deste trabalho. Você com certeza vai ser uma pessoa que vou lembrar por toda minha vida. Obrigado por fazer parte da minha historia.

Ao professor Saulo Gonsalves, muito obrigado pelos ensinamentos e por ser essa pessoa espetacular, pois sempre me recebeu com carinho e atenção quando eu procurava para tirar minhas duvidas em relação a este trabalho.

Aos amigos e colegas, agradeço por tudo que passamos juntos, com certeza este tempo que convivi com vocês foi um aprendizado.

Agradeço a todos os professores que ao decorrer do curso tive o prazer de conhecer, muito obrigado pelos seus ensinamentos. Enfim por tudo que passamos juntos ao longo desses três anos. Só tenho que dizer: “Valeu à pena.”